

## Melhor Habitação com melhor Arquitectura VI: a Funcionalidade Residencial

***Infohabitar, Ano VI, n.º 318***

Novos comentários sobre a qualidade arquitectónica residencial  
**Melhor Habitação com Melhor Arquitectura VI: a Funcionalidade Arquitectónica Residencial**

Artigo de António Baptista Coelho

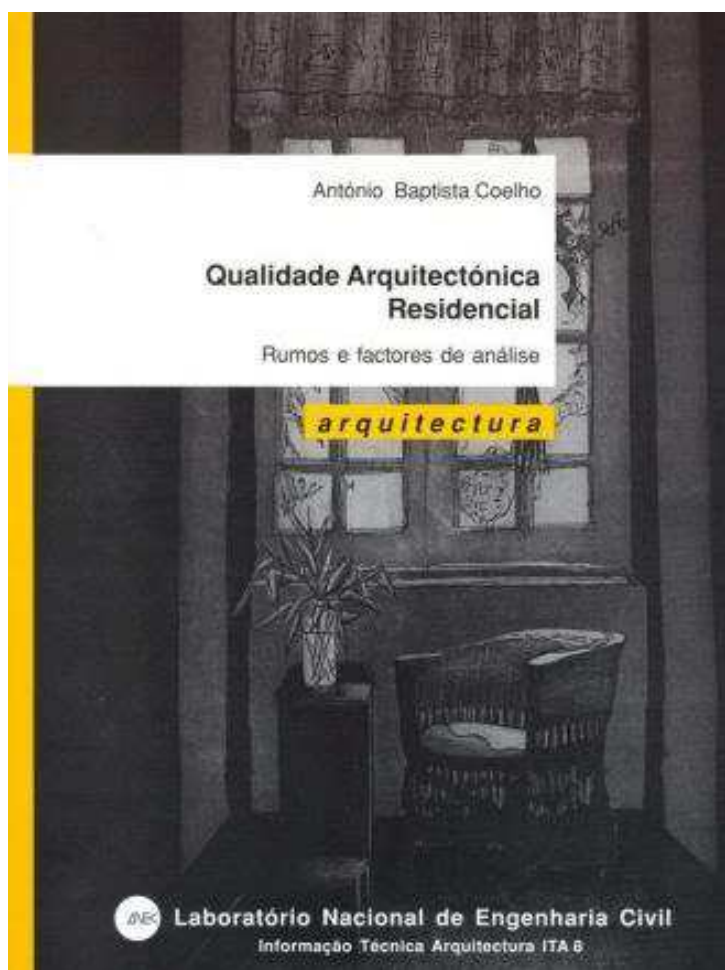


Fig. 01: capa da edição do LNEC "Qualidade Arquitectónica Residencial - Rumos e factores de análise" - ITA 8, da Livraria do LNEC, referindo-se, em seguida, o respectivo link para a Livraria do LNEC

[http://livraria.lnec.pt/php/livro\\_ficha.php?cod\\_edicao=52319.php](http://livraria.lnec.pt/php/livro_ficha.php?cod_edicao=52319.php)

Salienta-se ser possível aprofundar estas matérias num estudo editado pelo LNEC que contém um desenvolvimento sistemático dos rumos e factores gerais de análise da qualidade arquitectónica residencial, que se devem constituir em objectivos de programa e que correspondem à definição de características funcionais, ambientais, sociais e de aspecto geral a satisfazer para que se atinja um elevado nível de qualidade nos espaços exteriores e interiores do habitat humano.

Sublinha-se, no entanto, que a abordagem que se faz, em seguida, às matérias da funcionalidade, enquanto qualidade arquitectónica residencial, corresponde ao revisitar do tema, passados cerca de 15 anos do seu primeiro desenvolvimento, e numa perspectiva autónoma e diversificada relativamente a essa primeira abordagem.

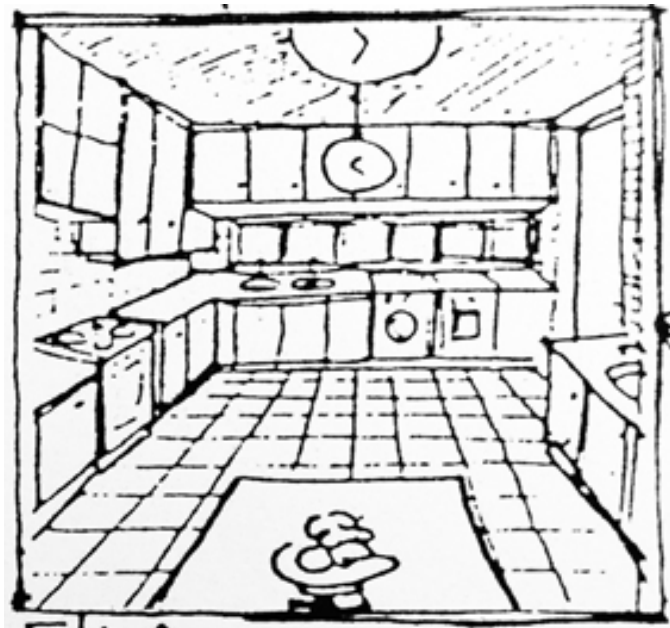


Fig. 02

### **Apresentação: a Funcionalidade Arquitectónica Residencial**

A funcionalidade arquitectónica residencial refere-se à previsão e à promoção de um desempenho operacional ou eficaz das funções e actividades residenciais num dado espaço habitado e considerando, habitualmente, uma perspectiva orgânica de articulação entre zonas e actividades diversificadas.

A funcionalidade arquitectónica residencial tem assim uma relação directa com a eficiência proporcionada ou directamente apoiada por determinados espaços e elementos do habitar mais ligados a aspectos funcionais, sendo que não podemos esquecer que o habitar não é uma fábrica, que a habitação não deve ser considerada, pelo menos directamente, como um produto, e que, portanto, a funcionalidade exterior e interior do habitar se deve circunscrever a aspectos específicos de desempenho dos diversos espaços e elementos, aspectos que facilitem as tarefas mais custosas do habitar e aquelas mais "maquinais" e objectivamente previsíveis (exemplo: a circulação e o estacionamento de veículos motorizados a velocidades baixas e com um máximo de relação com a movimentação pedonal).

Nestas matérias a funcionalidade arquitectónica residencial tem de ser assumida como globalmente subjugada à adequada caracterização residencial destes espaços e a conteúdos urbanos que sejam, naturalmente, marcados por relações orgânicas e por condições multifuncionais; portanto numa clara rejeição de estruturas rígida e monotonamente organizadas em termos de relações unívocas e sempre repetidas, pois tanto as vizinhanças residenciais mais estimulantes, como a cidade viva onde estas se integram, não tem essas características de rigidez funcional.

Conjuntamente com a espaciosidade e a capacidade, a funcionalidade é responsável pela caracterização e adequação de espaços e ambientes do habitar, sendo que a funcionalidade tem a ver, essencialmente, com a garantia do sentido orgânico e a eficácia das acções exercidas nos espaços residenciais e urbanos e das suas relações com outros elementos e níveis do habitar, enquanto que, como se viu, a espaciosidade se liga aos variados desenvolvimentos físicos dos espaços do habitar e à sua configuração global específica, e a capacidade qualifica as diversas extensões do habitar com determinadas bases de uso e de apoio ao uso (por exemplo, arrumação); numa perspectiva que pode fazer lembrar uma estratégia de back-office, mas que abrange, também, um adequado perfil de flexibilidade nos usos.



as cadeiras e os sofás de uma habitação já só por acaso se dispunham, por exemplo, rigidamente de forma simétrica e/ou ortogonal entre si e relativamente às paredes contíguas.

A funcionalidade refere-se ao adequado desempenho das várias funções e actividades residenciais, organizadas num conjunto coerente e eficiente. É uma velha, muito apreciada e muito discutida qualidade arquitectónica, que foi responsável pela estruturação de um movimento estético que influenciou o século XX.

Colando-se à sempre desejável racionalização construtiva ela teve tanto óptimos, como péssimos exemplos em termos de uma aplicação ao nível urbano e edificado, no entanto, ao nível doméstico trouxe ensinamentos de grande validade e cuja aplicação ainda hoje procuramos desenvolver e rentabilizar ao nível da pormenorização.

## **2. Aspectos estruturadores da funcionalidade**

Alguns aspectos ou temas teórico-práticos podem ser considerados como globalmente estruturadores da funcionalidade arquitectónica no habitar, salientando-se, desde já, os seguintes:

- . desenvolver uma base geométrica e orgânica sobre a qual se organizam os elementos responsáveis pela funcionalidade residencial arquitectónica;
- . assegurar uma unidade diversificada desses elementos;
- . desenvolver uma legibilidade funcional equilibrada que não arrisque um sentido residencial básico, mas que assegure boas bases de acção aos dispositivos residenciais correntes e um máximo de eficácia, designadamente, nas funções urbanas potencialmente mais maquinais e e nas lides domésticas obrigatórias (exemplo: limpeza, arrumação, preparação de refeições, tratamento da roupa, etc.);
- . e assegurar uma relação múltipla com o amplo leque de potenciais utentes, respectivas ergonomias e variadas formas de uso dos espaços e elementos.

Ainda numa perspectiva estrutural ou organizacional, podemos apontar que a funcionalidade arquitectónica no habitar tem diversas nuances ou mesmo dimensões consoante o nível físico de aplicação:

Ao nível urbano traduz-se, habitualmente, por uma estrutura legível: funcional, una

e agradavelmente diversificada.

Ao nível do edifício liga-se, frequentemente, a uma organização dos conjuntos de elementos e fluídos que entram e saem através de dispositivos

Ao nível da habitação refere-se, quase sempre, ao suporte espacial de dispositivos funcionais, considerando-se, designadamente os seguintes aspectos específicos:

- . conexões e compatibilidades;
- . decomposição e recomposição;
- . sínteses em domínios de funcionalidade;
- . melhoria das tarefas urbanas e domésticas mais custosas;
- . redução de percursos obrigatórios;
- . dinamização da mecanização possível;
- . e relações diferenciadas entre dispositivos mais maquinais e compartimentos ou espaços, considerando aspectos básicos de boa integração urbana e residencial.



Fig. 04

### **3. A funcionalidade, da habitação, à vizinhança e ao bairro**

A funcionalidade arquitectónica e residencial é uma matéria que abarca o habitar de uma ponta à outra, estrutura a cidade em termos de tráfegos e outros fluxos, abastece e proporciona a boa vivência das vizinhanças e caracteriza o conteúdo das habitações, proporcionando-nos um dia-a-dia mais simplificado no que se refere a tarefas obrigatórias.

Globalmente a funcionalidade arquitectónica e residencial associa-se aos diversos níveis do habitar em termos de dispositivos específicos, ou caracteriza-os em termos de uma funcionalidade passiva e adaptável. Mas em qualquer uma destas opções, e especialmente na primeira, deve as valências funcionais devem embeber-se com grande naturalidade em quadros residenciais agradavelmente caracterizados, caso contrário teremos ambientes sem humanidade e "frios".

Para já ficaremos por esta reflexão, mas importa aprofundar a ideia de que no habitar estamos ainda muito pouco avançados num sentido de apoio a um bem-estar amplo e denso, público e apropriado, que se reflecta quer nas nossas relações com a cidade, estimulando-as de uma forma muito sensível, quer na nossa vivência de vizinhanças que sejam verdadeiramente extensões da habitação sobre a cidade, nível ainda bem longe de poder ser considerado regra, quer, ainda naturalmente, num aprofundar de um espaço de habitação que seja a nossa verdadeira "casca de caracol" e não um cenário quase casual, temporário e impessoal.

#### **4. Estratégias de funcionalidade**

A funcionalidade arquitectónica e residencial é, basicamente, um conceito orgânico que, aplicado ao habitat, visa o desenvolvimento da sua operacionalidade, mas em função da satisfação dos homens seus utentes, e tanto na totalidade da área residencial, como em cada um dos seus níveis físicos (Vizinhança Alargada e Próxima, Edifício, Habitação e Espaços/compartimentos).

"O funcionalismo arquitectónico consiste em envolver por construções um conjunto de funções ... próprias de um dado programa, num sítio específico" (1).

No exterior residencial, hoje em dia, devemos deixar de nos preocupar tanto com os veículos e voltar "a formas de habitat menos consumidoras de espaço, a afectações multifuncionais de bairros, que reduzem significativamente a duração média das migrações pendulares" (2), enquanto no interior dos edifícios devemos procurar apurar os espaços mais especializados que serão atribuídos às funções habitacionais mais exigentes, quanto à dureza e duração das respectivas tarefas, e desenvolver, muito cuidadosamente, características de polivalência noutros espaços; caminho certo de adequação a uma grande diversidade de modos de vida.



Fig. 05

## **5. A funcionalidade arquitectónica residencial ao nível urbano: perspectivas a considerar**

Hoje em dia a funcionalidade arquitectónica residencial ao nível urbano que há em poucos anos era marcada pelo primado do automóvel, passou a considerar a movimentação pedonal e os chamados modos suaves de movimentação; um novo quadro que resulta do intensificar das preocupações ambientais, mas que se saúda pelo avolumar do fundamental protagonismo da pessoa a pé, que traz a habitação para a vizinhança e que, daí, até pode e deve aceder à cidade mais viva através de transportes colectivos funcionais e confortáveis.

Nesta perspectiva há que sublinhar, ainda, a importância que tem a possibilidade de fruição da vizinhança citadina por crianças e idosos, condição naturalmente exigente, mas capaz de garantir um directo acréscimo do uso pedonal no exterior residencial; e condição que, naturalmente, vitaliza mais esse exterior e torna-o mais apetecível para ser usado por outros habitantes peões.

Mas há que assegurar aspectos funcionais já aqui referidos, com destaque para o



estacionamento dos veículos dos residentes e para o equipamento colectivo das vizinhanças e da cidade que estas integram. E importa aprofundar estas matérias posteriormente.

## **6. A funcionalidade nos espaços públicos versus a funcionalidade nos espaços edificados; ou a funcionalidade entre o exterior e o interior urbano**

A funcionalidade cruza espaço urbano, vizinhança de proximidade, edifício e espaço doméstico.

Mas há que, em cada um destes níveis, considerar quais são as exigências funcionais hoje em dia e localmente determinantes de uma melhor qualidade vivencial e residencial, até porque uma previsão menos sensível e informada de funcionalidade será, frequentemente, responsável por insatisfação e eventualmente, até, por insegurança.

### **A funcionalidade nos espaços públicos**

Os eventuais problemas com funcionalidades mal escolhidas localizam-se, essencialmente, em espaços públicos e, designadamente, em vizinhanças residenciais. Automóvel ou peão? Unicidade ou misturas funcionais (em VA, VP e Ed)? Acessibilidades francas ou sossego e humanização ambiental? Todas estas questões têm solução com projectos coerentes e bem pormenorizados, mas, infelizmente, estes continuam a ser excepção. Há, assim, opções básicas que são mais do que simples opções funcionais.

### **A funcionalidade na VP e na relação VP/Ed**

A funcionalidade na vizinhança da habitação pode ser muito rica, desde a disponibilização de verdadeiros prolongamentos ajardinados das nossas habitações, à previsão de pequenos recintos de recreio juvenil em grande segurança, até ao sempre apetecível recanto num café; para não falar de se poder levar o veículo até praticamente a porta do edifício, mas sem arriscar a segurança pedonal.

### **A funcionalidade nos espaços edificados**

Ao nível do edifício esta problemática é muito mais pacífica, mas ainda assim continua a haver bastantes confusões sobre como (há que) conjugar aspectos mais directamente funcionais (ex., tipos e características de acessos comuns) com outros que sendo indirectamente funcionais têm importantes reflexos qualitativos

na apropriação e na satisfação dos habitantes (ex., luz natural, subzonas funcionais, etc.).

### **A funcionalidade doméstica**

O que se passa ao nível do edifício tem expressão acrescida no mundo doméstico. No interior da habitação não há dúvidas sobre a importância de uma bancada de cozinha alongada e em “L”, mas estas são raras. E não há dúvidas na estruturação de zonas funcionais, mas nem estas devem ter um carácter rígido, nem as funções desejadas e os modos de uso das casas têm um único padrão, nem as famílias são rigidamente padronizáveis, tanto mais considerando a sua actual evolução. (...). Outro aspecto actualmente muito mais determinante do que aparenta e ainda muito pouco traduzido em termos doméstico-funcionais tem a ver com as novas funções das casas (sítios de trabalho; sítios de estudo; sítios de formação ao longo da vida; sítios de lazer alargado e múltiplo). De certa forma há aqui um forte “pisar de olhos” a outras opções funcionais com natureza múltipla e/ou com bases numa possível neutralidade espacial básica e servida por instalações. Mas será “só” isto?



Fig. 06

### **7. Carácter e importância da funcionalidade**

A funcionalidade é, naturalmente, uma qualidade objectiva e de primeira linha, mas que deve ser matizada por outras preocupações que irão influenciar, claramente, as formas e as tendências da sua concretização, designadamente, ao nível urbano de forma geral e, mais particularizadamente nos espaços edificados.

Ligando-se a esta preocupação há, assim, que rever cuidadosamente uma estratégia de funcionalização que tem sido usada, frequentemente, como alibi para implementação de condições mínimas de habitabilidade, designadamente, ao nível dos espaços edificados.

Adequadas circunstâncias funcionais devem ser veículos de articulação entre múltiplas actividades e não espartilhos associados a previsões unifuncionais em espaços por vezes exíguos.

## **8. Notas de reflexão e para desenvolvimento sobre a funcionalidade arquitectónica residencial**

Em termos de reflexão geral apuram-se, para já, os seguintes aspectos.

A funcionalidade arquitectónica residencial é uma matéria a rever, a redescobrir, a aprofundar e a desenvolver, porque a funcionalidade do habitar doméstico e urbano de hoje é razoavelmente diferente da que nos ensinaram nas "cartilhas" funcionalistas, porque mesmo estas "cartilhas" não terão sido frequentemente aplicadas de uma forma consistente e integrada, porque é necessário mitigar fortemente os aspectos funcionais quando concebemos adequadas condições habitacionais e urbanas, pois há nestas matérias muito mais para além das funções, e porque ...

Em termos dos desenvolvimentos considerados mais interessantes nestas matérias da funcionalidade urbana e residencial apontam-se, em seguida, algumas matérias, consideradas oportunas.

A funcionalidade arquitectónica residencial que se pode designar como "corrente" tem sido abordada sistematicamente mas direccionada fundamentalmente para aspectos do interior doméstico, havendo ainda, julga-se, trabalho a fazer em termos da funcionalidade nas vizinhanças e numa cidade que se deseja mais habitada.

No que se refere à funcionalidade arquitectónica residencial doméstica há, actualmente, importantes inovações e novidades, ou novas realidades, que importa aprofundar, considerando-se, designadamente, tanto os aspectos associados ao uso "universal" da habitação, essencialmente, numa perspectiva de apoio a habitantes cada vez mais envelhecidos, como os aspectos associados ao

considerar, cada vez mais, a habitação como um sítio de trabalho, ou até como vários sítios de trabalho não doméstico; e não se duvide que estas considerações podem ter grande influência no re-equacionar da funcionalidade doméstica tal como tem vindo a ser enecarada desde os meados dos anos sessenta do século passado.

E podemos e devemos ter em conta, ainda, os aspectos de funcionalidade doméstica associada a modos de viver específicos, por exemplo, de minorias étnicas.

Quanto às funcionalidades exteriores residenciais, residenciais e cidadinas e residenciais e peri-urbanas ou semi-rurais, há todo um trabalho a fazer no elencar de aspectos de uma funcionalidade que já não é aquela muito ligada a um urbanismo estruturado pelo automóvel privado; matéria esta que exige um aprofundamento urgente e cuidadoso.

Notas:

(1) Claire e Michel Duplay, "Méthode Illustrée de Création Architecturale", p. 190.

(2) Claire e Michel Duplay, "Méthode Illustrée de Création Architecturale", p. 191.

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte

Infohabitar n.º 318, 01 de Novembro de 2010

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [funcionalidade](#), [funcionalidade arquitectónica residencial](#), [funcionalidade residencial](#), [qualidade arquitectónica residencial](#), [qualidades arquitectónicas residenciais](#)